



Resenha

DOI: <https://doi.org/10.22484/2177-5788.2024v50id5517>

Manifesto pela Educação Midiática

Carlos Carvalho Cavalheiro – Universidade de Sorocaba (Uniso) | Sorocaba | SP | Brasil
| E-mail: carloscavalheiro@gmail.com | Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4527-1894>



BUCKINGHAM, David. **Manifesto pela educação midiática**. São Paulo: Edições Sesc SP, 2022. 136 p.

David Buckingham, autor do *Manifesto pela Educação Midiática*, parte de diversos pressupostos para defender a necessidade da implantação de uma educação voltada para a reflexão crítica do uso pessoal e do investimento simbólico e emocional que se faz da mídia. Para ele, a educação para as mídias alcança o *status* de um direito básico de todos os seres humanos.

Buckingham é professor emérito da *Loughborough University* e professor visitante no *Kings College*, da Universidade de Londres, e pesquisa o tema da educação midiática desde a década de 1980. O manifesto de Buckingham está dividido em nove capítulos, excluindo dessa contagem a introdução e a conclusão.

No capítulo 1, intitulado "O ambiente midiático em mutação", o autor parte da pressuposição de que "a mídia está em toda a parte" (Buckingham, 2022, p. 23). A partir de dados de diversas pesquisas, ele confirma o crescimento do uso das mídias hoje em dia e constata que elas representam uma nova faceta do capitalismo, com empresas que fornecem tecnologia, mas, ainda, "meios de representação e comunicação indispensáveis para a vida moderna" (Buckingham, 2022, p. 28). Empresas essas cuja tendência é a formação de monopólios com "serviços e produtos que geram lucro comercial" (Buckingham, 2022, p. 29). Daí a necessidade da educação midiática como desenvolvimento do entendimento crítico. Afinal, o consumidor de mídia hoje é também produtor de conteúdo para essa mesma mídia.

No capítulo 2, "Muito mais que risco e benefício", o autor propõe que o debate entre "benefício e risco" deve ser transcendido em favor de "uma abordagem mais coerente e abrangente" que não ignore "a complexidade e a diversidade genuína das práticas cotidianas das pessoas" (Buckingham, 2022, p. 43). Em outras palavras, o foco nos riscos e benefícios do uso das mídias, muito presente nos debates educacionais, embora importantes, tendem "a concentrar a atenção num espectro limitado de problemas" (Buckingham, 2022, p. 42), pois o benefício ou risco depende do contexto e dos objetivos de cada usuário.

"Limites da alfabetização midiática" é o título do capítulo 3, em que Buckingham escreve sobre as diferentes visões sobre a alfabetização midiática, e retoma os debates iniciados nos capítulos anteriores, especialmente acerca da dualidade benefício e risco que pauta a maior parte das discussões sobre esse assunto. Para Buckingham, essa é uma armadilha que desemboca numa alfabetização midiática costumeiramente tida como "solução individualista para um conjunto mais amplo de problemas sociais" (Buckingham, 2022, p. 53). Pelo fato de a mídia estar presente em toda a parte, é neces-

sário que se entenda como ela funciona e os modos de usá-la com eficácia. Esses seriam os propósitos de uma educação midiática que nos daria um "grau de poder e de controle que de outra forma nos seria negado" (Buckingham, 2022, p. 53).

No capítulo 4, "Panorama Geral", o autor aprofunda o debate de que o foco nos riscos e benefícios do uso da mídia, apesar de sua importância, concentra-se nos sintomas e não nas causas subjacentes. Essa abordagem "lida com problemas individuais à medida que surgem no debate público, em vez de considerar o uso da mídia como um todo" (Buckingham, 2022, p. 57).

Um exemplo dado é a oposição entre as *fake news* e as notícias tidas como "reais", disseminadas pelos grandes veículos de comunicação. Ocorre que, "em vez de simplesmente apontar o que é falso ou fabricado, precisamos identificar as formas de vies presentes em todas as fontes de informação" (Buckingham, 2022, p. 59). Afinal, as notícias – mesmo que não sejam fabricadas – são comunicadas a partir de uma visão específica de mundo. Por isso, ele nos diz que "precisamos de um entendimento muito mais sofisticado e profundo de como a mídia [...] representa o mundo, e de como ela é produzida e usada" (Buckingham, 2022, p. 59).

Já no capítulo 5, "Sejamos críticos", o autor defende que o ato de aprender não se resume no acesso à informação, mas na transformação da informação em conhecimento por meio do aprendizado, da interpretação e da aplicação dessa mesma informação. Porém, para que o pensamento seja crítico, é necessário analisar, sintetizar e avaliar a informação.

Em "Pedagogia: armadilhas e princípios", capítulo 6, o autor analisa como se dá a intersecção entre o que (currículo) e como (pedagogia) ensinar o pensamento crítico. Vale lembrar que o objetivo de Buckingham é que a educação midiática seja desenvolvida nas escolas. Para isso, ele identifica três armadilhas comuns nesse trabalho: 1) uma abordagem protecionista ou defensiva (risco e benefício), o que torna a "educação midiática [...] uma alternativa à regulação e um tipo de profilaxia contra efeitos danosos" (Buckingham, 2022, p. 79); 2) o uso da educação midiática como uma espécie de contrapropaganda que visa substituir as mensagens "falsas" por outras "verdadeiras". O risco dessa abordagem estaria na tendência do "professor exigir adesão à sua própria visão preconcebida" (Buckingham, 2022, p. 80); 3) denominado de "Estudos de Mídia 2.0", existe uma perspectiva de educação que entende que as novas tecnologias tornaram o pensamento crítico supérfluo, pois "com a tecnologia os estudantes poderiam ser criativos, expressar-se e atingir a liberdade" (Buckingham, 2022, p. 81).

Buckingham discorda dessas três perspectivas e defende a abordagem pedagógica identificada a três dimensões alinhadas à noção de alfabetização: "uma relação dinâmica entre leitura (isto é, análise textual); escrita (ou produção criativa); e análise contextual (que situa a leitura e a escrita individual num contexto social mais amplo)" (Buckingham, 2022, p. 82). Para ele, "uma análise textual sistemática é uma dimensão essencial da educação midiática" (Buckingham, 2022, p. 82). Importante frisar que o autor entende que a análise textual está relacionada com as dimensões de linguagem midiática e suas formas narrativas, pois, ao ser inserida no contexto social, deve-se considerar que a produção e consumo de qualquer tipo de texto "nunca são processos individualizados e isolados" (Buckingham, 2022, p. 82).

Essas reflexões conduzem o autor a afirmar que "alunos e professores precisam ser capazes de realizar leituras sistemáticas, usando abordagens derivadas sobretudo da semiótica, do estruturalismo ou da análise do discurso" (Buckingham, 2022, p. 83).

No capítulo 7, "Conceituar a Mídia Social", o autor discorre sobre conceitos e abordagens da era da mídia social. Para ele, "deve-se reconhecer que as mídias sociais são mídias [que] criam significados, representam o mundo e geram lucro a partir de seus usuários" (Buckingham, 2022, p. 90). Por entender que a mídia social utiliza-se de uma combinação de diferentes tipos de linguagem para comunicar significado, Buckingham propõe a análise textual detalhada como exercício para a educação midiática. Ou seja, analisar o texto e descobrir "suas funções sociais e finalidades, ou o que está tentando alcançar" (Buckingham, 2022, p. 92).

Ainda recorrendo especialmente às mídias sociais, Buckingham fala das representações, ou seja, como o produtor de conteúdo – por exemplo, num perfil de rede social – constrói uma imagem e um discurso sobre si para o consumidor daquela informação. Para isso, propõe o exame crítico de "como as representações afirmam dizer a verdade – como estabelecem sua autoridade, sua credibilidade, sua autenticidade" (Buckingham, 2022, p. 94).

Em "Educação Midiática na Prática", capítulo 8, o autor volta a criticar o debate público que entende a mídia e as novas tecnologias em termos apenas de segurança e risco. Na contramão dessa perspectiva, ele defende que uma "abordagem crítica da educação midiática pode não apenas lidar com [...] problemas, mas também ajudar a situá-los num contexto mais amplo" (Buckingham, 2022, p. 103).

O capítulo 9 "Fazendo acontecer", é o último capítulo do manifesto. Aqui, o autor defende o pressuposto de que "para alcançar todos os jovens, a educação midiática precisa ser uma matéria obrigatória do currículo escolar desde o início" (Buckingham,

2022, p. 113). A ideia é ousada e assertiva. No entanto, a aplicação, ao menos no Brasil, deve se escorar em algo além da obrigatoriedade da inclusão nos currículos. É preciso um engajamento de toda a sociedade e o desenvolvimento da percepção da importância de tal estudo para que haja uma mobilização ampla em prol dessa educação midiática que, como disse Buckingham, é um direito.